

Comportamento Semanal de Mercado

3 a 10 de maio



Incertezas alimentadas

A não unanimidade na decisão do Comitê de Política Monetária (Copom) de não seguir o *forward guidance* da reunião de março e, dessa forma, reduzir o ritmo de baixa da Selic para -0,25 p.p. produziu ruídos entre os analistas e alimentou as incertezas. Entretanto, espera-se uma redução, com a divergência estabelecida sendo justificada na Ata da reunião e a explicitação das ponderações para os votos por uma queda de -0,50 p.p.. Eliminando o *forward guidance*, o Copom enfatizou que a extensão e a adequação de ajustes futuros serão ditados pelo compromisso com a meta inflacionária. Assim, as próximas decisões estarão fundamentalmente direcionadas pela evolução do balanço de riscos.

Com a significativa depreciação do real entre os encontros, as projeções de inflação no cenário de referência do Copom aumentaram de 3,2% para 3,3% para 2025, horizonte relevante para a política monetária. No Boletim Focus, a mediana das estimativas do IPCA para 2025 ampliou-se de 3,64% para 3,66% (3,56% há 1 mês). Entretanto, a inflação corrente manteve-se em desaceleração, saindo de 3,93% a.a. em mar/24 para 3,69% a.a. em abril. A média móvel trimestral (MM3) dessazonalizada e anualizada do IPCA reduziu-se de 3,88% a.a. em mar/24 para 2,62% a.a. e o mesmo indicador para a média dos 5 núcleos acompanhados pelo Banco Central (BC) saiu de 3,49% a.a. em mar/24 para 2,95% a.a..

Adicionalmente, o boletim passou a projetar 3 reduções adicionais de mesma magnitude em 2024. Como consequência, a mediana para Selic para o final do ano elevou-se de 9,63% a.a. em 03/05 para 9,75% a.a. em 10/05 (9,13% a.a. há 1 mês). Com isso, houve um aumento nos prêmios nos mercados futuros de juros e na inclinação da curva, com a taxa real de juros ex-ante subindo de 6,33% a.a. no fechamento da semana anterior para 6,51% a.a., adentrando-se ainda mais em patamar contracionista, considerando-se a taxa neutra estimada pelo BC de 4,50% a.a..

No que tange à expectativa da política monetária nos EUA, grande catalisadora da volatilidade de mercado, os indicadores da semana apresentaram sinais contraditórios com a deterioração no sentimento do consumidor e expressiva elevação nos pedidos de seguro desemprego sendo compensados pela elevação das projeções para a inflação de curto e médio prazo. Apesar de declarações mais conservadoras de alguns membros do Federal Reserve (Fed), até especulando uma eventual elevação na taxa básica de juros, as apostas de mercado vão se consolidando entre 1 ou 2 cortes em 2024. Na sexta-feira (10/04), a ferramenta FedWatch do CME Group apontava uma probabilidade de 49,8% de que o 1º corte de -0,25 p.p. ocorra na reunião de setembro.

O real depreciou-se em 1,67% na semana, com o dólar encerrando cotado a R\$ 5,16. Contudo, a manutenção do fluxo cambial positivo, com a entrada líquida de US\$ 5,77 bilhões no acumulado do ano e o início do ciclo de flexibilização monetária nos EUA deverão favorecer o real até o final do ano. No boletim Focus, as projeções para a taxa câmbio ao final do ano ficaram em R\$/US\$ 5,00 para 2024, R\$/US\$ 5,05 para 2025 e R\$/US\$ 5,10 para 2026 e 2027.

Para esta semana, destaques para as divulgações do IGP-10, PMS, IBC-Br, monitor do PIB da FGV, além do PIB, produção industrial e CPI na Zona do Euro, das vendas no varejo e produção industrial chinesa e do CPI, PPI, produção industrial, vendas no varejo e construção de casas novas nos EUA.

Expectativas

Com o Copom reduzindo o ritmo de corte da Selic para -0,25 p.p., o Boletim Focus passou a projetar 3 reduções adicionais de mesma magnitude em 2024. Como consequência, a mediana das projeções para a Selic para o final do ano elevou-se de 9,63% a.a. em 03/05 para 9,75% a.a. em 10/05 (9,13% a.a. há 1 mês).

Já as estimativas para 2025 continuaram em 9,00% a.a. (8,50% a.a. há 1 mês), para 2026 saltaram de 8,75% a.a. para 9,00% a.a. (8,50% a.a. há 4 semanas) e para 2027 de 8,50% a.a. para 8,63% a.a. (8,50% a.a. há 1 mês).

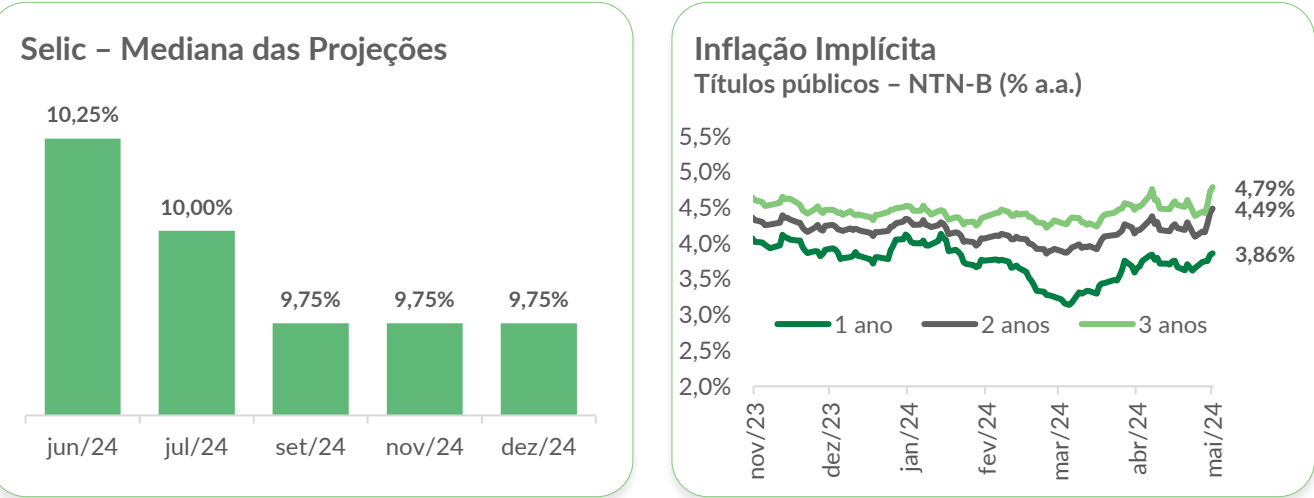
Com os eventuais impactos de curto prazo da crise climática no RS, as previsões do IPCA para maio subiram de 0,29% para 0,30%, as de junho mantiveram-se em 0,17% e as de julho em 0,15%. Acima do centro da meta de 3,0%, o IPCA projetado para 2024 passou de 3,72% para 3,76% (3,71% há 1 mês). No horizonte relevante para a política monetária, a mediana das estimativas para 2025 ampliou-se de 3,64% para 3,66% (3,56% há 1 mês). No mesmo patamar por 45 edições consecutivas, as projeções para 2026 e 2027 ficaram em 3,50%.

Embutindo os prêmios de risco nas negociações das NTN-Bs, a inflação implícita registrou forte alta na semana. Entre os dias 03/05 e 10/05, o vértice para o prazo de 1 ano saltou de 3,65% para 3,86% (3,75% há 1 mês), o de 2 anos partiu de 4,09% para 4,49% (4,22% há 1 mês) e o de 3 anos de 4,39% para 4,79% (4,54% há 1 mês).

Já as projeções de crescimento do PIB continuaram melhorando, com a Focus apontando uma expansão de 2,09% em 2024, frente a 2,05% anteriormente (1,95% há 1 mês). Para os anos de 2025, 2026 e 2027, as estimativas ficaram acomodadas em 2,00%.

Apesar do aumento da volatilidade na taxa de câmbio à vista, não houve ajuste de cenário, com o US\$ permanecendo estável em R\$ 5,00 ao final de 2024, em R\$ 5,05 ao fim de 2025 e em R\$ 5,10 aos termos de 2026 e 2027.

Finalizando, as projeções do lado fiscal indicaram poucas modificações. Em relação ao PIB, o déficit primário para 2024 variou de -0,67% para -0,64% e para 2025 de -0,68% para -0,60%. Para 2026, prosseguiu em -0,50%, enquanto para 2027 variou de -0,23% para -0,20%.



Economia internacional

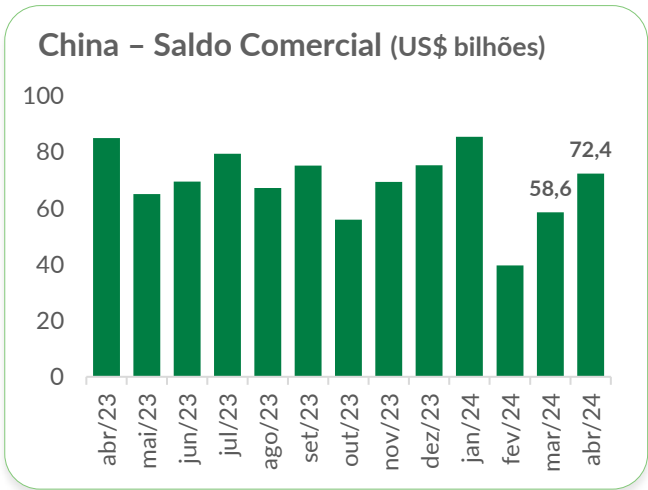
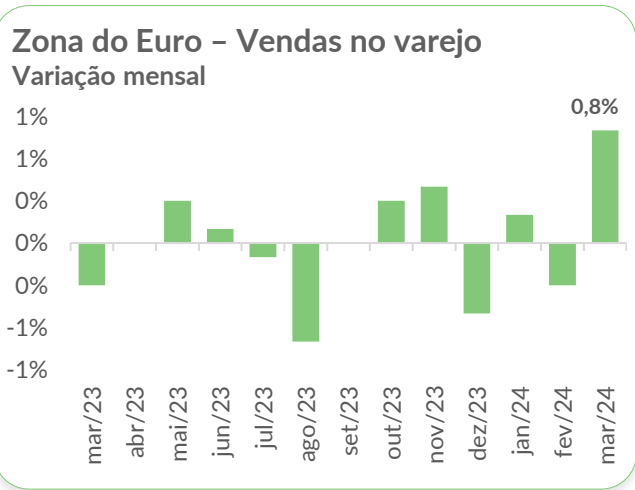
Em meio à preocupação com a convergência da inflação à meta de 2,0%, a sondagem do consumidor da Universidade de Michigan apontou sinais contrários, mais especificamente, uma atividade mais fraca e expectativas de inflação mais elevadas nos EUA. Na leitura preliminar de maio, a confiança do consumidor recuou para o nível mais baixo em 6 meses, estabelecendo-se em 67,4 ante 77,2 em abr/24. Por sua vez, as expectativas de inflação para 12 meses subiram de 3,2% em abr/24 para 3,5%, ao passo que as de 5 anos passaram de 3,0% para 3,1%.

Com o aperto geral nas condições de crédito nos EUA, houve no 1T24 uma menor demanda por empréstimos para empresas, indústrias e o setor imobiliário. De acordo com uma pesquisa do Fed, o crédito ao consumidor registrou um crescimento de US\$ 6,3 bilhões em março, abaixo da previsão de US\$ 15 bilhões de levantamento da FactSet. Por outro lado, o número de fev/24 foi revisado de US\$ 14,1 bilhões para US\$ 15,0 bilhões. Ademais, o ritmo esperado para a alta nos preços de imóveis acelerou de 2,6% em fev/23 para 5,1% em fev/24, com a expectativa média em 12 meses atingindo a 2ª maior leitura da série histórica.

Ainda nos EUA, os estoques no atacado apresentaram queda de -0,4% na margem em março, a US\$ 894,7 bilhões. O número de fev/24 foi revisado para baixo, com avanço de 0,2% ante 0,5% calculados anteriormente. Mostrando sinais de desaquecimento, os pedidos semanais por seguro-desemprego somaram 231 mil na semana encerrada em 4 de maio, maior nível desde ago/23, com uma forte alta em relação ao dado revisado de 209 mil registrados na semana anterior e dos 212 mil esperados.

Na Zona do Euro, as vendas no varejo cresceram 0,8% na margem em março, após cair 0,3% em fevereiro. O resultado ficou um pouco acima do consenso da London Stock Exchange Group (LSEG) que previa uma alta de 0,7%. Mostrando divergência em relação ao setor industrial, a atividade de serviços se expandiu no ritmo mais rápido em 11 meses. O índice de atividade empresarial dos gerentes de compras (PMI) de serviços subiu de 51,5 em março para 53,3, superando a estimativa preliminar de 52,9. O resultado apoiou-se no aumento dos fluxos de novas empresas e pela taxa de criação de emprego.

Na China, impulsionado pelos embarques para os EUA e Europa, o comércio exterior surpreendeu positivamente. Em abril, as exportações cresceram 1,5% na margem, após uma queda de -7,5% em mar/24. Por sua vez, as importações aumentaram 8,4%, depois da queda de -1,9% em mar/24. Assim, o superávit comercial avançou de US\$ 58,55 bilhões em mar/24 para US\$ 72,35 bilhões. Finalizando, a expansão da atividade de serviços desacelerou ligeiramente em abril em meio ao aumento dos custos. Contudo, o volume de novos pedidos acelerou e o sentimento das empresas melhorou, impulsionando as perspectivas de uma recuperação econômica sustentada.



Aversão ao Risco

No que tange à condução da política monetária nos EUA, os indicadores da semana apresentaram sinais contraditórios com a deterioração no sentimento do consumidor e expressiva elevação nos pedidos de seguro desemprego sendo compensados pela elevação das projeções para a inflação de curto e médio prazo.

Apesar de declarações mais conservadoras de alguns membros do Fed, até especulando uma eventual elevação na taxa básica de juros, as apostas de mercado vão se consolidando entre 1 ou 2 cortes em 2024.

Na sexta-feira (10/04), a ferramenta FedWatch do CME Group apontava uma probabilidade de 49,8% de probabilidade de que o 1º corte de -0,25 p.p. ocorra na reunião de setembro. Para o encerramento de 2024, a chance de apenas uma redução de -0,25 p.p. era de 35,0%, de 35,2% de 2 cortes da mesma magnitude, de 14,9% de 3 cortes e 12,4% que os Fed Funds permaneçam na faixa entre 5,25% e 5,5% a.a..

Na semana, os retornos dos Treasuries registraram elevações para os vértices mais curtos e de médio prazo, com altas de 0,06 p.p. para 4,87% no de 2 anos e de 0,04 p.p. para 4,52% no de 5, com o de 10 anos fechando estável em 4,50% a.a. e o de 30 anos recuando -0,02 p.p. para 4,64%. Por fim, o Departamento do Tesouro dos EUA promoveu no período um leilão de US\$ 25 bilhões em T-bonds de 30 anos com um retorno de 4,635%.

As principais bolsas internacionais exibiram ganhos, favorecidas pela melhora no humor de mercado e pela temporada de balanços. Além dos dados positivos na balança comercial chinesa, trazendo um otimismo quanto à demanda asiática, e pelo bom desempenho da atividade econômica no Reino Unido.

Na semana, observaram-se altas de 2,2% no Dow Jones, de 1,9% na S&P 500, de 1,1% na Nasdaq, de 4,3% no DAX 40, de 2,7% no FTSE 100 e de 1,6% no Xangai. Já o índice Nikkei 225 fechou com estabilidade no período. Em consonância, a cotação da saca de soja na bolsa de Chicago subiu 0,3% e o preço do minério de ferro negociado em Qingdao aumentou em 0,4%. Na contramão, a cotação do barril de petróleo tipo Brent recuou -0,2% na semana, fechando em US\$ 82,79, refletindo uma relativa acomodação dos riscos geopolíticos e o aumento dos estoques nos EUA.

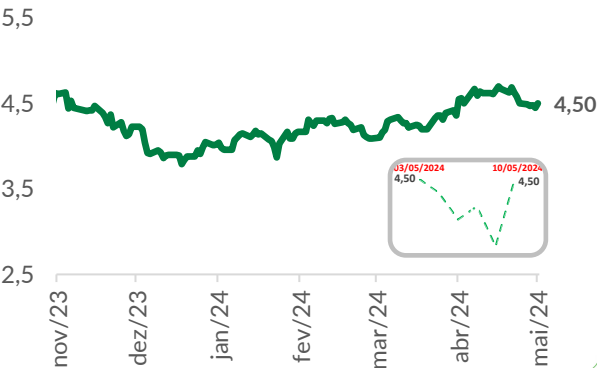
No cenário doméstico, houve um aumento da volatilidade e nos prêmios de riscos, após a decisão do Copom. Contribuiu, ainda, as incertezas quanto ao impacto fiscal da calamidade no Rio Grande do Sul. Na semana, o Ibovespa encerrou com uma queda de -0,7%, voltando ao patamar dos 127 mil pts.. Depois de um alívio nas últimas semanas com a mudança de perspectiva na nota de crédito, o risco soberano brasileiro, medido pelo CDS de 5 anos, subiu 1,13 bps. na semana para 140,3 bps., porém acumulando uma retração de -85,7 bps. nos últimos 12 meses.

Bolsas Internacionais

Bolsas	Em pts	Variação		
	10/05/2024	Semana	Mês	12 meses
Bovespa	127.600	-0,7%	-0,4%	17,9%
Nasdaq	16.341	1,1%	1,1%	32,5%
S&P	5.223	1,9%	1,2%	26,4%
Dow Jones	39.513	2,2%	2,7%	18,6%
FTSE 100	8.434	2,7%	5,9%	9,1%
DAX 40	18.773	4,3%	3,7%	18,6%
Nikkei 225	38.229	0,0%	-3,4%	31,3%
Xangai	3.155	1,6%	4,2%	-4,7%

T-Note de 10 anos

Rendimento em % a.a.



Fonte: Bloomberg. Elaboração ABBC

Câmbio

Ainda que com pouca intensidade, o dólar ganhou força na semana. No período, o *Dollar Index*, que mede o desempenho da divisa norte-americana frente às de países desenvolvidos, subiu 0,26%, com apreciação de 0,43% no euro e a depreciação de 0,07% na libra esterlina.

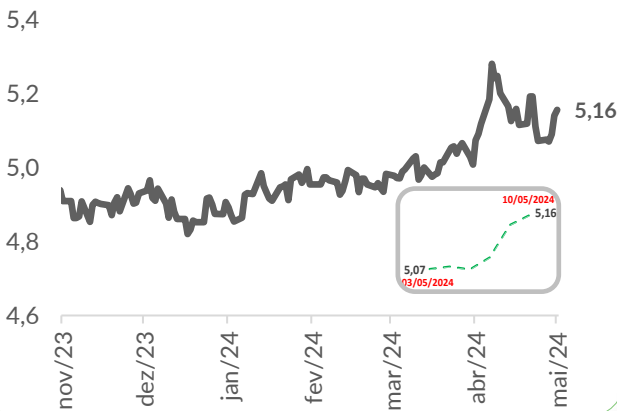
Por sua vez, o índice que calcula a variação de uma cesta de moedas de países emergentes em relação ao dólar recuou -0,09%, refletindo as depreciações de 0,04% na rúpia indiana e de 0,50% do peso argentino, além das apreciações de 1,21% no peso mexicano, de 0,56% no rand sul-africano, de 0,52% no rublo russo e de 0,34% no peso colombiano.

Com o real exibindo uma depreciação de 0,89% na semana, o dólar fechou cotado a R\$ 5,16. Apesar do aumento da volatilidade recentemente, espera-se uma recuperação do real com o início do processo de flexibilização monetária nos EUA.

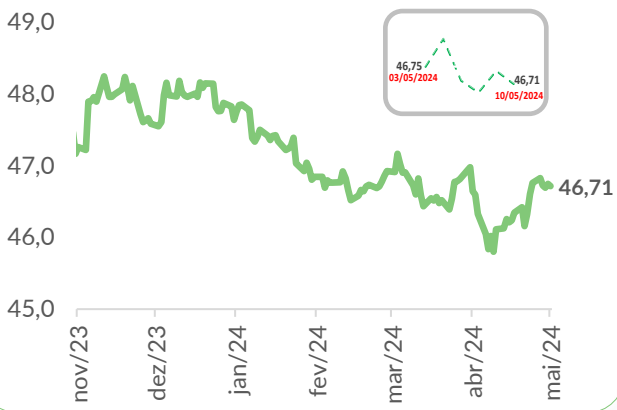
Na semana, o BC manteve sua atuação com a rolagem dos *swaps* cambiais com vencimento em 01/07/2024.

Por fim, o fluxo cambial na semana entre os dias 29/04 e 02/05/24 ficou positivo em US\$ 1,75 bilhão, decorrente da entrada líquida de US\$ 2,369 bilhões na conta comercial e da saída líquida de US\$ -612 milhões na financeira. Com isso, o resultado ficou positivo em US\$ 5,77 bilhões no acumulado do ano, sendo US\$ 21,11 bilhões na conta financeira e US\$ 26,87 na comercial.

Real/US\$



Índice de Emergentes*



Quadro Câmbio

Moeda	Cotação do US\$		Variação		
	10/05/2024	Semana	Mês	12 meses	
Real	5,16	0,89%	1,62%	4,56%	
Euro	0,93	-0,43%	-0,26%	1,35%	
Libra esterlina	0,798	0,07%	0,12%	-0,11%	
Rand sulafricano	18,45	-0,56%	-1,76%	-3,95%	
Peso mexicano	16,78	-1,21%	2,05%	-4,55%	
Peso argentino	882,71	0,50%	2,01%	285,50%	
Peso colombiano	3890,11	-0,34%	2,10%	-15,41%	
Rublo russo	92,69	-0,52%	-0,65%	20,55%	
Rúpia indiana	83,50	0,04%	0,37%	1,72%	

*Cesta de Moedas de países emergentes:
Lira turca, Rublo russo, Rand sul-africano, Florim húngaro, Real, Peso mexicano, Peso chileno, Reminbi chinês, Rupia indiana e Dólar de Singapura.

Fonte: Bloomberg/BCB. Elaboração ABBC

Copom – Mai/24

A não unanimidade na decisão do Copom de não seguir o forward guidance da reunião de março e reduzir o ritmo de baixa da Selic para -0,25 p.p. produziu alguns ruídos. Entretanto, a divergência estabelecida deve ser justificada, com a Ata da reunião explicitando as ponderações técnicas para o posicionamento contrário.

Entendendo a estratégia como compatível para a convergência da inflação no horizonte relevante, que incluiria o ano de 2025, o Copom enfatizou que a extensão e a adequação de ajustes futuros na Selic serão ditados pelo firme compromisso com a meta, eliminando-se o forward guidance. Assim, as próximas decisões estarão fundamentalmente direcionadas pela evolução do balanço de riscos.

A deterioração em algumas situações exigiria uma maior cautela na condução da política monetária. No ambiente externo, a maior adversidade adveio do aumento das incertezas quanto ao início do ciclo de corte de juros nos EUA. No cenário doméstico, o Copom ressaltou que a política monetária deverá se manter contracionista até que o processo de desinflação seja consolidado e se tenha a ancoragem das expectativas em torno de suas metas. Ademais, deixou de avaliar que a desaceleração da atividade está em linha com o antecipado, destacando que a atividade e o mercado de trabalho têm mostrado dinamismo acima do esperado. Contudo, parece que não houve uma abrupta alteração no cenário exacerbando o risco.

Apesar de que o IPCA venha mantendo a trajetória de desinflação, fechando em 3,69% a.a. em abril, as medidas de inflação subjacente continuam acima da meta. A interpretação de que não haveria mais uma reancoragem parcial das expectativas também contribuiu na fundamentação para a queda de apenas -0,25 p.p.. Entre as 2 reuniões houve um aumento nas estimativas da Pesquisa Focus para o IPCA de 2025 de 3,5% para 3,6%. Já as projeções do modelo do Copom para a inflação no cenário de referência aumentaram de 3,2% para 3,3% para 2025.

Como contrapartida, a trajetória estimada para a Selic reduziu o grau da flexibilização monetária com a Selic para o final de 2024 passando de 9,00% a.a. para 9,63% a.a. e para 2025 de 8,50% a.a. para 9,00% a.a.. Ademais, a taxa real ex-ante tem oscilado em 6,5% a.a., patamar considerado contracionista e 2,0 p.p. acima do considerado como neutro. Adicionalmente, o preço do barril do petróleo apresentou uma ligeira queda entre as reuniões.

O que mais tem contribuído na deterioração das expectativas foi a recalibragem na evolução esperada da política a ser praticada pelo Fed que elevou em 0,25 p.p. a rentabilidade dos Treasuries de 2 anos, como consequência a taxa de câmbio utilizada na modelagem pelo BC depreciou de R\$ 4,95/US\$ para R\$ 5,15/US\$.

O Copom assinalou, ainda, a sua preocupação com os desenvolvimentos recentes da política fiscal e seus impactos sobre a política monetária. Assim, parte da desancoragem teria decorrido das mudanças de metas de resultado primário. A sustentabilidade da dívida contribuiria para a ancoragem das expectativas de inflação e para a redução dos prêmios de risco dos ativos financeiros, consequentemente impactando a política monetária. Contudo, nessa seara não deverá ter alteração significativa nos próximos meses, mesmo com as melhores expectativas para o resultado primário para 2024 e upgrade na classificação do risco soberano pela Moody's.

Cenário de Referência

	2024			2025		
	mar/24	Var	mai/24	mar/24	Var	mar/24
Câmbio	R\$ 4,95	↑	R\$ 5,15	R\$ 4,95	↑	R\$ 5,15
Selic (% a.a.)	9,00%	↑	9,63%	8,50%	↑	9,00%
Preços Administrados	4,40%	↑	4,80%	3,90%	↑	4,00%
IPCA	3,50%	↑	3,80%	3,20%	↑	3,30%

* O cenário considera a cotação média da taxa de câmbio USD/BRL observada nos 10 dias úteis encerrados no último dia da semana anterior à da reunião do Copom e depois evoluindo pela paridade do poder de compra (PPC), o preço do petróleo seguindo aproximadamente a curva futura pelos próximos 6 meses e aumentando 2,0% a.a. posteriormente e a hipótese de bandeira tarifária verde em dez/24 e dez/25.

Taxa de Juros

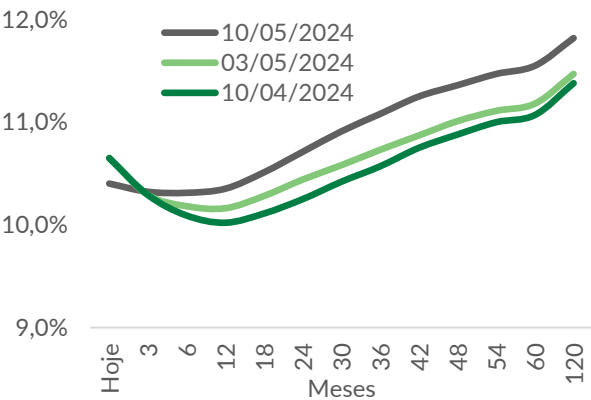
Com a decisão do Copom em diminuir o ritmo de cortes na taxa Selic, o final da utilização do *forward guidance* e o tom mais duro do Comunicado, o mercado ajustou suas estimativas quanto à velocidade dos ajustes e a avaliação da taxa terminal para o ciclo de afrouxamento monetário. Como consequência, a Estrutura a Termo da Taxa de Juros (ETTJ) apresentou elevações nos prêmios de risco em todos os vértices.

Em relação ao fechamento da semana anterior, a taxa de 6 meses subiu de 10,18% a.a. para 10,31% a.a., a de 1 ano de 10,16% a.a. para 10,35% a.a., a de 2 de 10,44% a.a. para 10,71% a.a., a de 3 de 10,73% a.a. para 11,08% a.a., a de 4 de 11,01% a.a. para 11,36% a.a., a de 5 de 11,18% a.a. para 11,55% a.a. e a de 10 anos saiu de 11,47% a.a. para 11,82% a.a..

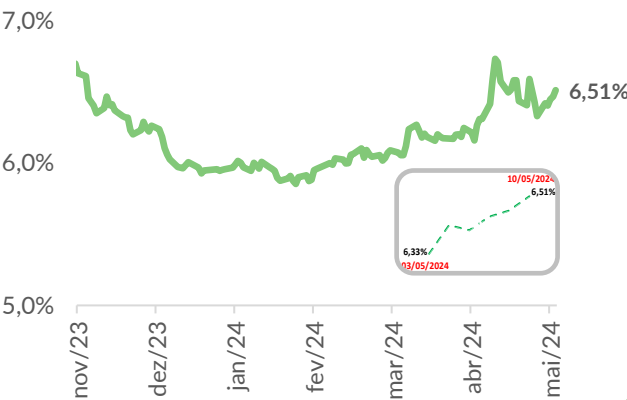
Considerando -se a inflação esperada para os próximos 12 meses de 3,60% em 10/05, o mesmo patamar do encerramento da semana anterior, a taxa real de juros *ex-ante* fechou em 6,51% a.a., o que representou uma elevação de 0,18 p.p. no período.

Por fim, a medida de inclinação da curva, calculada pelo *spread* entre as taxas prefixadas de 10 anos e de 1 ano, negociadas na B3, subiu 0,16 p.p. para 1,47 p.p., acima da média dos últimos 4 anos (1,26 p.p.). Em linha, o diferencial entre as taxas pré de 10 anos e de 1 ano, na negociação de títulos públicos na Anbima, aumentou 0,13 p.p. para 1,61 p.p., também acima da média dos últimos 4 anos (1,42 p.p.).

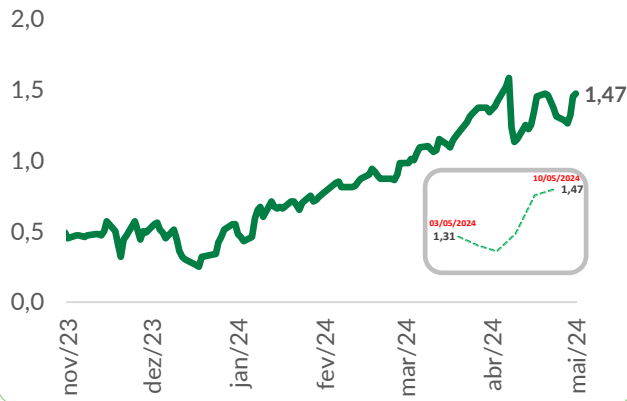
Estrutura a Termo da Taxa de Juros (% a.a.)



Taxa Real de Juros *ex-ante* (% a.a.)



Spread da Taxa de Juros
Diferença entre as taxas de 1 e 10 anos – em p.p.



Fonte: Bloomberg/B3. Elaboração ABBC

IPCA – Abr/24

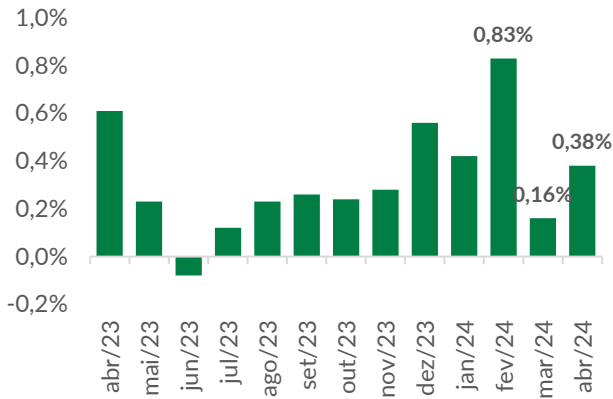
Superando a expectativa do Boletim Focus de um aumento de 0,34%, a inflação pelo IPCA elevou-se de 0,16% em mar/24 para 0,38%. Por conta da alta nos produtos farmacêuticos como reflexo do reajuste de até 4,5% autorizado pela Câmara de Regulação do Mercado de Medicamentos (CMED), houve elevação de 1,16% em saúde e cuidados pessoais, com uma contribuição de 0,16 p.p. na variação mensal. Adicionalmente, houve aumentos de 0,70% em alimentos e bebidas (+0,15 p.p.), de 0,55% em vestuário (+0,03 p.p.) e de 0,14% em transportes (+0,03 p.p.). Como contrapartida, houve queda de -0,26% em artigos de residência (-0,01 p.p.) e de -0,01% em habitação (0,00 p.p.)

A variação anual manteve-se em desaceleração, saindo de 3,93% a.a. em mar/24 para 3,69% a.a. em abril (+4,18% a.a. em abr/23). Na decomposição, foram observadas altas de 3,10% a.a. em alimentação e bebidas (+5,87% a.a. em abr/23), de 3,51% a.a. em habitação (+1,59% a.a. em abr/23), de 3,26% a.a. em transportes (-2,92% a.a. em abr/23), de 5,89% a.a. em saúde e cuidados pessoais (+11,7% a.a. em abr/23), de +2,60% a.a. em vestuário (+12,92% a.a. em abr/23), de 4,95% a.a. em despesas pessoais (+7,00% a.a. em abr/23), de 6,89% a.a. em educação (+8,27% a.a. em abr/23) e de 1,04% a.a. em comunicação (+1,25% a.a. em abr/23), além da queda de -0,59% a.a. em artigos de residências (+2,70% a.a. em abr/23).

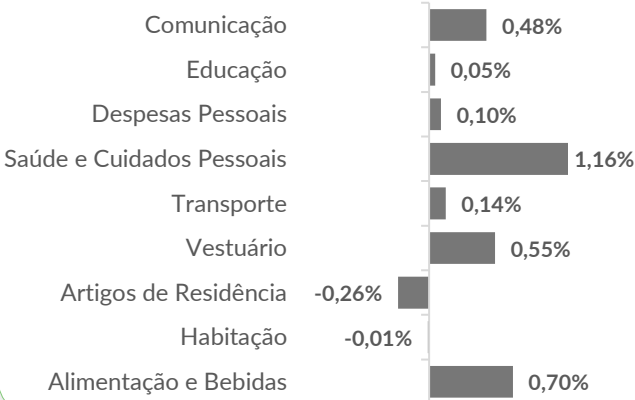
Como um fator positivo, a MM3 dessazonalizada e anualizada, que busca capturar a tendência de curto prazo, desacelerou de 3,88% a.a. em mar/24 para 2,62% a.a. em abril. Ademais, o mesmo indicador para a média dos 5 núcleos acompanhados pelo BC saiu de 3,49% a.a. em mar/24 para 2,95% a.a..

Também de forma positiva, mas ainda em patamar elevado, a MM3 dessazonalizada dos serviços subjacentes passou de 5,55% a.a. para 4,84% a.a., a de bens industriais de 2,08% para -0,15% a.a.. Por sua vez, a de alimentação no domicílio acelerou de 3,73% a.a. para 4,96% a.a..

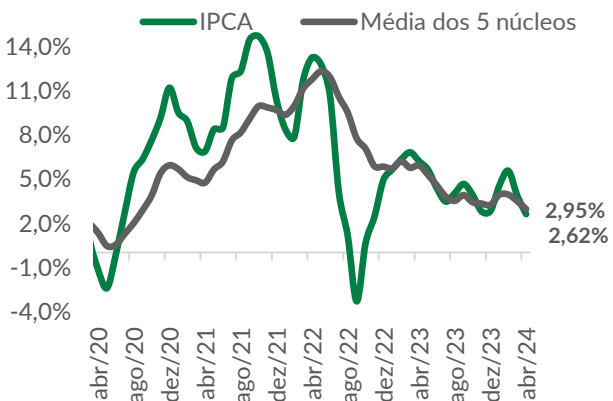
Variação Mensal



Variação Mensal Por grupo



Variação Anual MM3M dessazonalizada



Fonte: IBGE.. Elaboração ABBC

IGP-DI - Abr/24

Em linha com as expectativas, o IGP-DI apontou uma alta de 0,72% em abril, ante -0,30% em março. Mesmo revertendo 3 meses de deflação, o índice acumulou quedas de -0,26% no ano e de -2,32% em 12 meses.

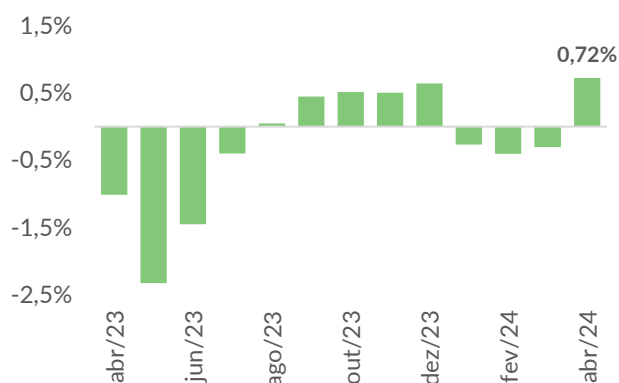
O Índice de Preços ao Produtor Amplo (IPA) subiu 0,84%, após registrar queda de -0,50% em mar/24. Na análise por estágios de processamentos, Bens Finais passou de -0,23% em mar/24 para -0,04% em abr/24, Bens Intermediários de 0,68% para 0,62% e Matérias-Primas Brutas de -2,15% para 2,06%. As maiores influências para essa aceleração foram as elevações de 2,71% para 5,07% na soja em grão e de 0,72% para 16,05% no café em grão.

A alta mensal do Índice de Preços ao Consumidor (IPC) passou de 0,10% em mar/24 para 0,42% em abr/24. Das suas classes de despesas, 6 de 8 registraram acréscimo nas suas taxas de variação: Educação, Leitura e Recreação (-2,22% para -1,24%), Saúde e Cuidados Pessoais (0,32% para 0,87%), Alimentação (0,56% para 0,90%), Transportes (0,21% para 0,52%), Comunicação (-0,31% para 0,57%) e Vestuário (-0,03% para 0,02%). Apenas Habitação (0,53% para 0,42%) e Despesas Diversas (0,42% para 0,13%) recuaram no mês.

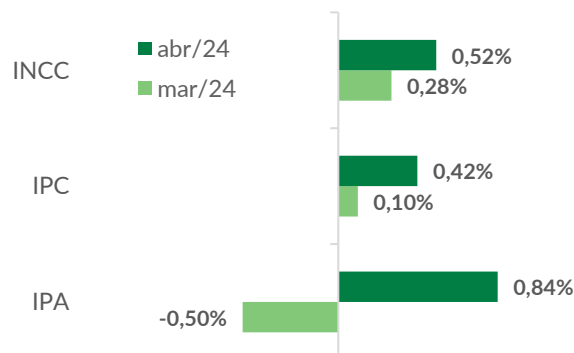
O Índice Nacional do Custo de Construção (INCC) também subiu em abril, ficando em 0,52% contra 0,28% em março. Os seus 3 grupos componentes apresentaram alta mais acentuada no mês: Materiais e Equipamentos (0,18% para 0,32%), Serviços (0,25% para 0,30%) e Mão de Obra (0,42% para 0,81%).

Por fim, na comparação anual por abertura, o IPA encerrou com queda de -4,51% a.a. ante -6,79% a.a. em mar/24 (-5,19% a.a. em abr/23), o IPC totalizou uma alta de 2,84% a.a. ante 2,93% a.a. em mar/24 (3,44% a.a. em abr/23) e o INCC fechou com uma elevação de 3,74% ante 3,36% em mar/24 (7,18% a.a. em abr/23).

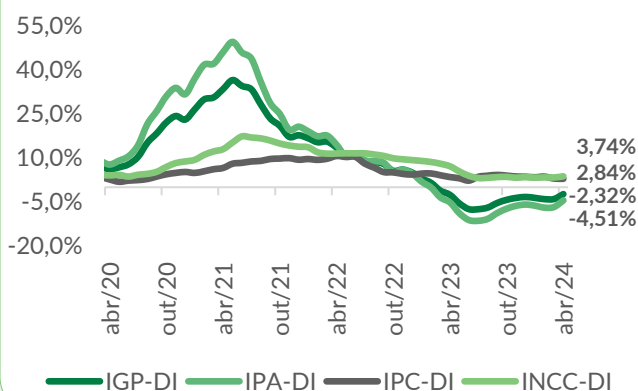
Variação Mensal



Variação Mensal Por grupo



Evolução Anual



Fonte: FGV.. Elaboração ABBC

IC-Br - Abr/24

Após uma alta de 2,55% em mar/24, o Índice de *Commodities* do BC (IC-BR) subiu 5,86% em abril. O indicador passou de 369,38 pts. para 391,02 pts. Em 12 meses, a variação foi de 7,89% a.a. (-13,42% a.a. em abr/23).

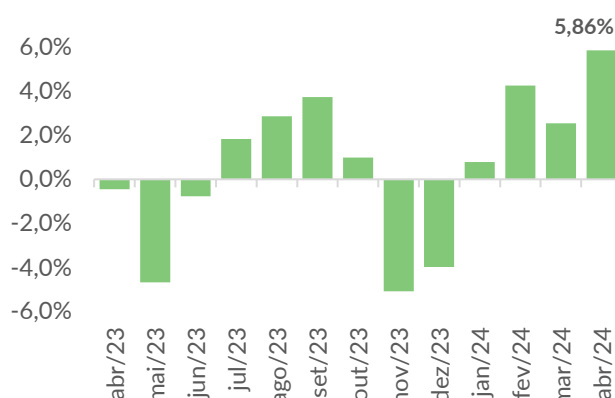
A maior alta mensal decorreu do metal. Após ter crescido 4,20% em mar/24, o índice apresentou um acréscimo de 14,61% na margem, passando de 401,72 pts. em mar/24 para 460,42 pts.. Em 12 meses, a alta foi de 10,92% a.a. (-22,70% a.a. em abr/23).

O índice do grupo energia passou de 178,71 pts. em mar/24 para 192,51 pts., exibindo uma alta mensal de 7,72%, após o aumento de 6,58% em mar/24. Em 12 meses, indicou uma variação de 3,80% a.a. (-0,01% a.a. em abr/23).

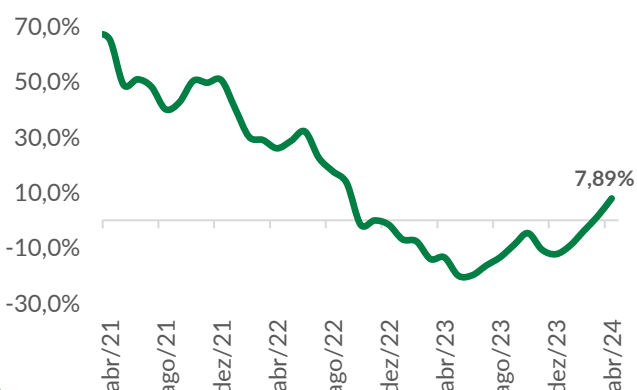
Representando a menor alta no mês, o grupo agropecuária variou 3,50% em abr/24, após aumentar 1,16% em mar/24, passando de 408,65 pts. para 422,94. Considerando a variação em 12 meses, o grupo apresentou acréscimo de 8,05% a.a. (-1,65% a.a. em abr/23).

Por fim, o *Commodity Research Bureau* (CRB), que é baseado no mercado à vista e medido em dólares, variou 5,85% em abril contra 2,14% no mês anterior, passando de 384,78 pts. em março para 407,30 pts.. Em 12 meses, apresenta alta de 1,70% a.a. (-9,0,8% a.a. em abr/23).

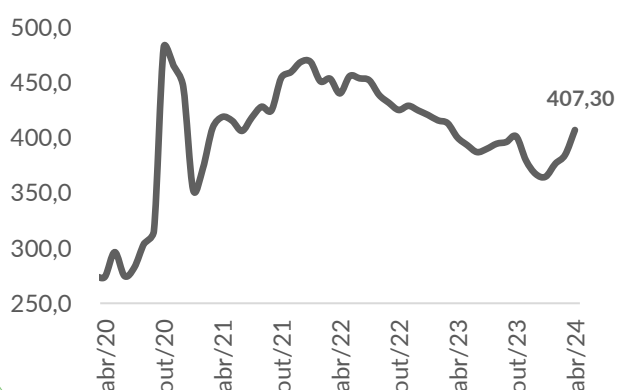
Índice Composto
Variação mensal



Índice Composto
Variação anual



Índice CRB*
pts.



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

Pesquisa Mensal do Comércio – Mar/24

Ao ficarem estáveis na margem, as vendas no varejo restrito surpreenderam negativamente em março, quando apresentou uma alta de 1,0%. Na série com ajuste sazonal, o 1T24 fechou com uma expansão de 2,5% em relação ao 4T23. Por sua vez, o comércio ampliado, que incluiu veículos, materiais de construção e atacado de produtos alimentícios, bebidas e fumo, registrou queda de -0,3% na passagem mensal, após uma alta de 1,0% em fev/24, também acumulando incremento de 2,5% no 1T24.

7 dentre as 8 atividades que compõem o comércio varejista restrito apresentaram queda na série com ajuste sazonal: Equipamentos e material para escritório, informática e comunicação (-8,7%), Móveis e eletrodomésticos (-2,4%), Livros, jornais, revistas e papelaria (-1,1%), Combustíveis e lubrificantes (-0,6%), Tecidos, vestuário e calçados (-0,4%), Hiper, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (-0,3%) e Outros artigos de uso pessoal e doméstico (-0,1%). Apenas Artigos farmacêuticos tiveram variação positiva (1,4%). Já no varejo ampliado, Material de construção registrou uma queda de -0,4%, enquanto Veículos e motos, partes e peças caiu -1,4%.

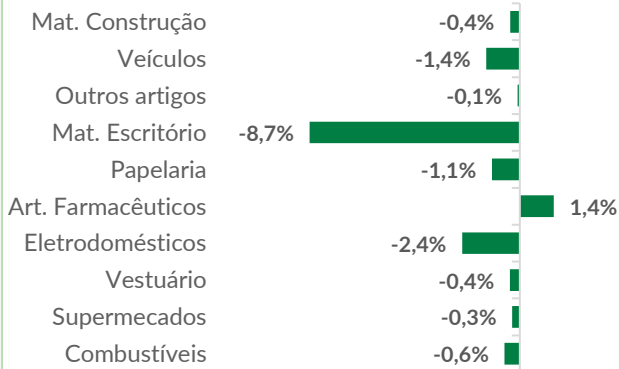
Considerando-se a série com o volume de vendas acumuladas em 12 meses, o crescimento do varejo restrito acelerou de 2,3% a.a. em fev/24 para 2,5% a.a. (+1,2% a.a. em mar/23), ao passo que o ampliado desacelerou de 3,6% a.a. para 2,9% a.a. (-0,4% a.a. em mar/23).

Em termos prospectivos, o varejo tende a apresentar resultados positivos no ano, favorecido por um mercado de trabalho aquecido, aumento na massa salarial, inflação controlada e redução na taxa de juros, o que favorece principalmente as atividades ligadas ao crédito.

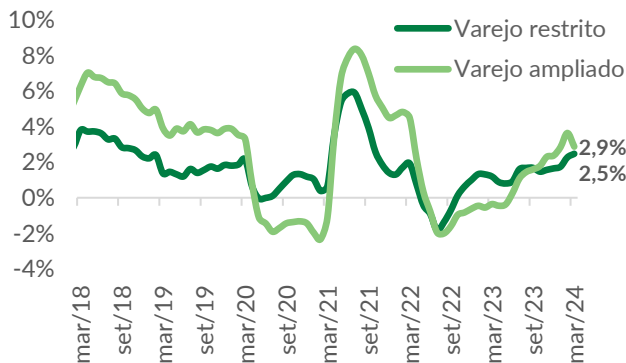
Variação Mensal
Com ajuste sazonal



Variação Mensal
Por segmento



Evolução Anual
Volume de vendas acumulado em 12 meses



Fonte: IBGE. Elaboração ABBC

Veículos – Abr/24

Dados da Anfavea apontaram uma produção de 222.115 unidades de autoveículos em abril, com um crescimento de 13,5% em relação a mar/23. No acumulado em 12 meses, houve queda de -1,3% a.a. ante -3,4% a.a. em fev/24.

Desse total, 167.402 unidades foram de automóveis, 40.249 de comerciais leves, 2.808 de ônibus e 11.656 de caminhões. A produção do mês foi a melhor desde ago/23 (226.954), quando as vendas estavam elevadas em função do programa de descontos oferecido pelo governo federal.

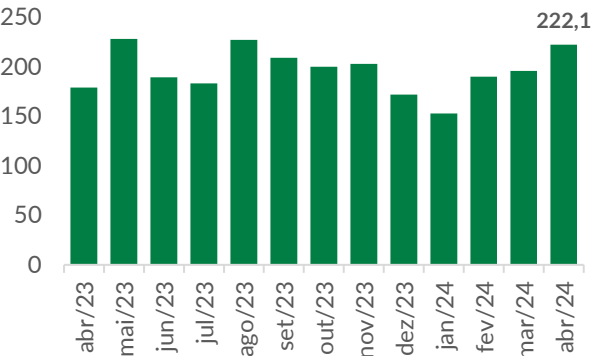
Ainda, foram exportadas 27.334 unidades de autoveículos no mês, uma queda de -23,3% na variação acumulada em 12 meses (+19,2% em abr/23).

Do lado das vendas, a Fenabrave reportou que as vendas de autoveículos no mercado interno varejista alcançaram 399.084 unidades em abril, uma alta de 14,7% em comparação a mar/24. Considerando-se o acumulado em 12 meses, houve um acréscimo de 13,0% a.a., contra 10,8% em mar/24 (13,0% em abr/23).

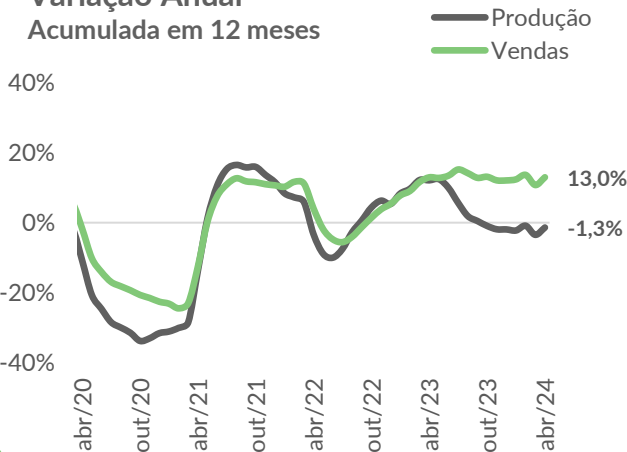
Já em relação aos autoveículos usados, a alta foi de 11,4% na margem em abril (+3,3% em mar/24), atingindo 1.305.539 unidades, enquanto na variação do acumulado em 12 meses foi de 6,3% (-6,0% em abr/23).

Os dados positivos, tanto de novos quanto de usados, foram influenciados por um momento mais favorável ao crédito e taxa de juros mais contidas, que impulsionam o setor, principalmente, para automóveis e comerciais leves.

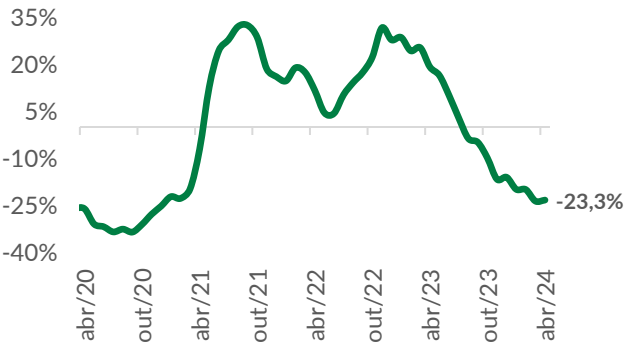
Produção Mensal
Em mil unidades



Variação Anual
Acumulada em 12 meses



Evolução Anual
Exportações acumuladas em 12 meses



Fonte: Anfavea/Fenabrave.. Elaboração ABBC

Balança Comercial – Abr/24

Com uma alta de 25,1% na margem, o saldo da balança comercial de março atingiu US\$ 9,04 bilhões. O resultado decorreu US\$ 30,92 bilhões em exportações e US\$ 21,88 bilhões em importações. Esse foi o maior saldo para o mês desde 2021, quando o superávit foi de US\$ 9,96 bilhões.

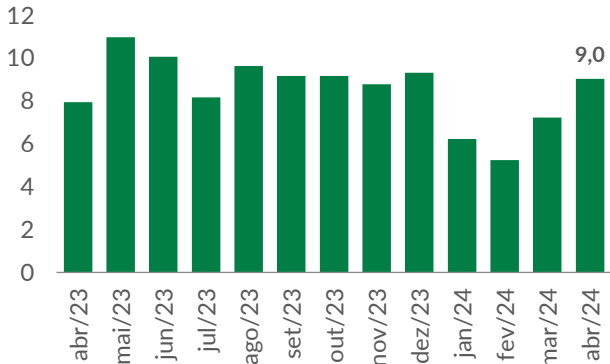
No mês, o resultado das exportações foi consequência de um crescimento de 48,6% da indústria extrativa (US\$ 7,56 bilhões), impulsionada pelos embarques de petróleo e minério de ferro, além da alta de 16,6% da indústria de transformação (US\$ 15,07 bilhões) e queda de -7,9% na agropecuária (US\$ 8,17 bilhões). Nas importações, o desempenho mensal resultou de 58,1% da agropecuária (US\$ 0,55 bilhões), 15,3% da indústria de transformação (US\$ 19,60 bilhões) e queda de -3,1% da indústria extrativa (US\$ 1,85 bilhões).

Levando-se em consideração o acumulado em 12 meses, o saldo alcançou US\$ 103,07 bilhões em abril, alta de 59,37% em relação a abr/23. Na mesma base comparativa, as exportações somaram US\$ 345,58 bilhões, alta de 3,03% e as importações US\$ 242,50, queda de -10,43%

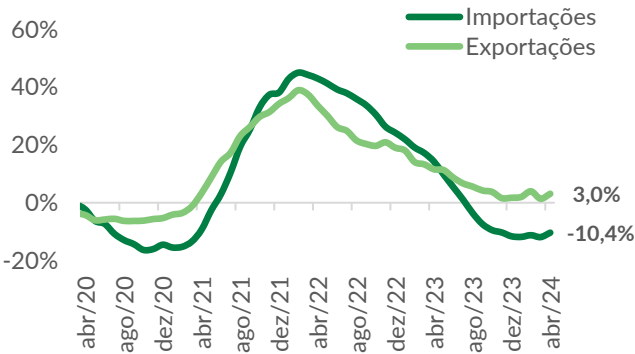
Em relação aos principais parceiros comerciais, no mês, as exportações para China, Hong Kong e Macau cresceram 7,5%, totalizando US\$ 9,91 bilhões, enquanto as importações cresceram 20,4% (US\$ 4,74 bilhões). Em relação aos EUA, as exportações aumentaram 14,0%, somando US\$ 2,96 bilhões e as importações cresceram 2,2% (US\$ 3,32 bilhões). Por fim, as exportações para a União Europeia subiram 39,3%, totalizando US\$ 4,87 bilhões e as importações 5,5% (US\$ 3,87 bilhões).

Para o ano, a Secretaria do Comércio Exterior (Secex) projeta superávit de US\$ 73,5 bilhões, com exportações de US\$ 332,6 bilhões e importações de US\$ 259,1 bilhões.

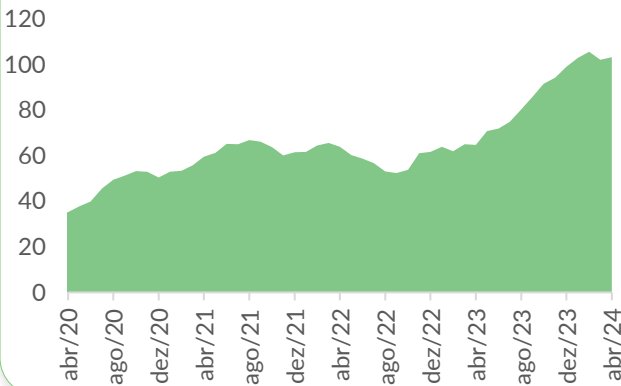
Saldo Mensal
Em US\$ bilhões



Variação Anual
Acumulado em 12 meses



Saldo
Acumulado em 12 meses - em US\$ bilhões



Fonte: MDIC.. Elaboração ABBC

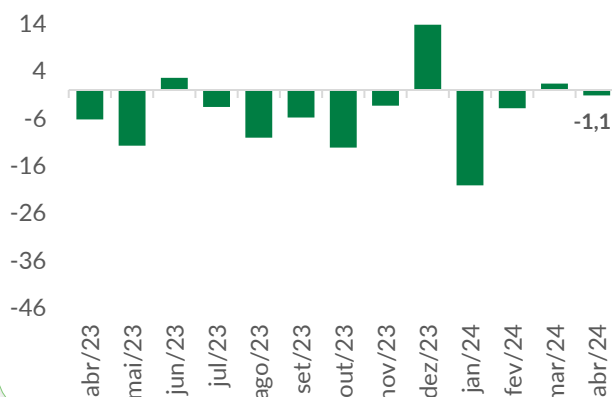
Caderneta de Poupança – Abr/24

Após a entrada de R\$ 1,34 bilhão em mar/24, a caderneta de poupança voltou a registrar saída líquida em abril. Com a retirada de R\$ 355,11 bilhões superando os R\$ 353,97 bilhões em aplicações, o saldo foi de R\$ -1,14 bilhão no mês passado. Ainda assim, esse foi o melhor resultado para os meses de abril desde 2021, quando houve a entrada de R\$ 3,84 bilhões.

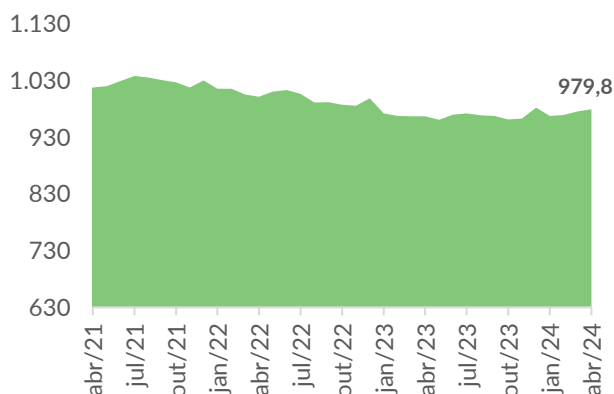
Considerando o rendimento de R\$ 5,20 bilhões, o saldo da caderneta de poupança alcançou R\$ 979,83 bilhões ao final de abril, configurando um crescimento de 0,4% no mês e de 1,3% em relação a abr/23. No acumulado do ano, a poupança acumula um saque líquido de R\$ -23,78 bilhões, muito impactado pelos resgates de R\$ 20,15 bilhões em jan/24. Nos últimos 12 meses, houve a perda de R\$ -54,11 bilhões, diante de uma menor rentabilidade da poupança frente aos outros tipos de investimentos e as necessidades financeiras da população

No que tange à remuneração, a caderneta de poupança fechou o mês rentabilizando 0,60% ao mês (7,48% a.a.), ante 0,53% ao mês (6,59% a.a.) em mar/24. Atualmente, o rendimento é definido pela TR mais uma taxa fixa mensal de 0,50%.

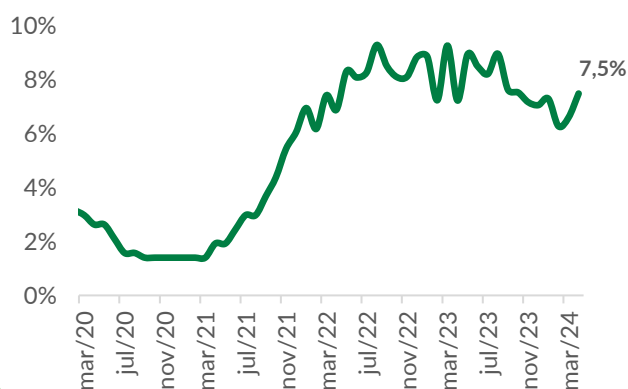
Captação Líquida
(SBPE + Rural – em R\$ bilhões)



Saldo Poupança
(SBPE + Rural – em R\$ bilhões)



Rendimento da Poupança
(1º dia do mês - em % a.a.)



Fonte: BCB.. Elaboração ABBC

Projeções Macroeconômicas - ABBC

Indicadores	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	2022	2023	2024E
Atividade, Inflação e Juros										
PIB Real (% a/a)	-3,55	-3,28	1,32	1,78	1,2	-3,9	4,6	2,9	2,9	2,0
Crédito (% a/a)	7,00	-3,50	-0,40	5,10	6,4	15,6	16,5	14,0	7,9	8,7
Desocupação (% fim de período)	9,10	12,20	11,90	11,70	11,1	14,2	11,1	7,9	7,4	7,5
IPCA (% a/a, fim de período)	10,67	6,29	2,95	3,75	4,3	4,5	10,1	5,8	4,6	3,8
IGP-M (% a/a, fim de período)	10,54	7,17	-0,52	7,54	7,3	23,1	17,8	5,5	-3,2	2,0
Taxa Selic (% fim de período)	14,25	13,75	7,00	6,50	4,50	2,00	9,25	13,75	11,75	9,25
Setor Externo e Câmbio										
Balança Comercial - (US\$ bi)	13,7	40,2	56,0	46,6	35,2	50,4	61,4	61,8	98,6	80,0
Conta Corrente (US\$ bi)	-54,8	-24,5	-22,0	-51,5	-65,0	-24,5	-28,1	-56,0	-28,6	-32,0
Investimento Direto no País (US\$ bi)	64,7	74,3	68,9	78,2	69,2	37,8	53,3	90,6	61,9	67,0
Taxa de Câmbio (R\$/US\$, fim de período)	3,9	3,3	3,3	3,9	4,0	5,2	5,7	5,3	4,8	5,00
Fiscal										
Resultado Primário (% PIB)	-1,9	-2,5	-1,7	-1,5	-0,8	-9,4	0,7	1,3	-2,3	-0,7
Resultado Nominal (% PIB)	-10,2	-9,0	-7,8	-7,0	-5,8	-13,6	-4,4	-4,7	-8,9	-6,8
Dívida Líquida do Setor Público (% PIB)	35,6	46,1	51,4	52,8	54,7	62,5	57,2	57,5	60,0	63,9
Dívida Bruta do Setor Público (% PIB)	65,5	69,8	73,7	75,3	74,4	88,6	80,3	73,4	74,3	78,0